

Universidade

Livre

Telefone n.º 4322

Instruir é construir.

V. HUGO

A vida deve ser uma educação incessante sem treguas; é necessário aprender desde o nascimento até á morte.

G. HAUBERT

BOLETIM MENSAL

SUMARIO:

SOLEMNISAÇÃO DO 4.º

ANIVERSARIO Pag. 5

RECORDANDO 7

ALEXANDRE FERREIRA 13

LUIZ MANOEL DE SOUSA 21

UMA OBRA PATRIOTICA 27

COMO EU ENTENDO A EXTENSÃO UNIVERSITARIA 31

O TRABALHO E O CAPITAL 43

CONGRATULAÇÕES 49

Balancete do mês de Janeiro de 1916 50

ANO III

N.º 25

JANEIRO DE 1916

LISBOA.

PROPRIETARIO: Universidade Livre.

DIRECTOR E EDITOR: J. Matos Rodrigues.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Praça Luis de Camões, 46, 2.º

Composto e impresso na Tipografia Eduardo Rosa, Rua da Madalena, 31

PREÇOS:

AVULSO, 5 CENT.

ASSINATURA ANUAL, 50 CENT.

Lições de Francês

por ALFREDO APELL



Editadas pela Universidade Livre e adotadas na sua classe de francês.

Este metodo impõe-se pelo nome do seu autor que é a melhor garantia do cuidado e orientação pedagogica que presidiu á sua elaboração.

Preço, 1 Escudo

Desconto aos socios

Universidade Livre

Cursos nocturnos e permanentes de

Português

Francês

Inglês

Contabilidade

Arithmetica

Calculo comercial

Geografia

Caligrafia

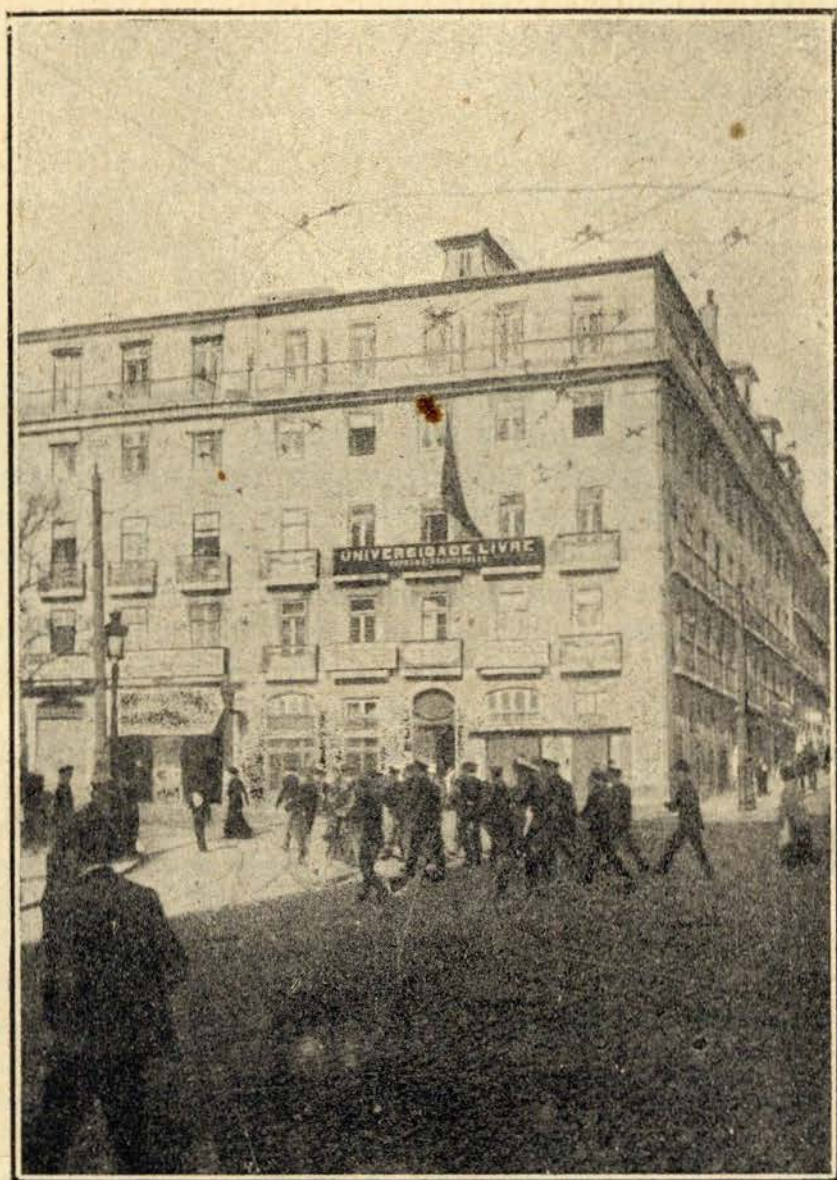
Taquigrafia

Dactilografia

Modelação

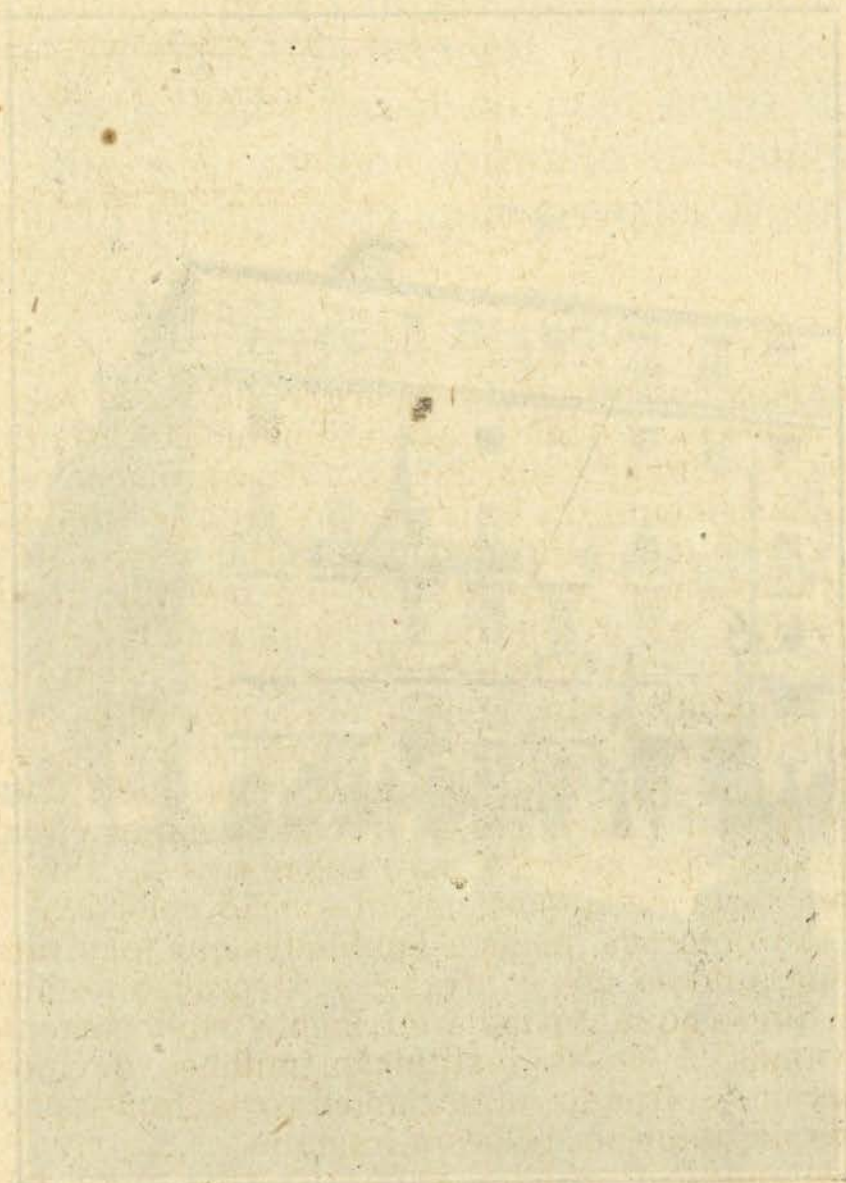
Desenho

Esperanto

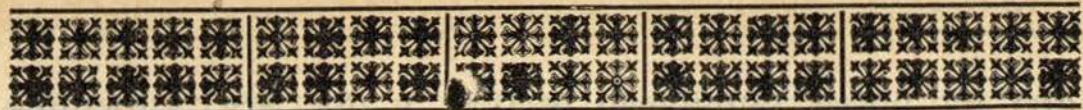


Séde da Universidade Livre

PRAÇA LUIZ DE CAMÕES, 46



THE UNIVERSITY OF CHICAGO
PRESS
CHICAGO, ILL.
1954



SOLEMNISAÇÃO

DO

4.º aniversário

Quantos descrentes das energias da nossa raça, eivados do septicismo doentio que a dominação jesuitica nos inoculou no sangue, olhariam com desconfiança, os trabalhos de lançamento da Universidade Livre? Quantos convertidos, rendidos pela evidencia, terão vindo até nós a trazer-nos o apoio merecido por um trabalho tão aturado, constante e coroado de tão bons resultados? Não o sabemos dizer, mas que o meio nos não é hostil nem tão pouco indiferente, provam-no a nossa crescente população associativa e escolar, o numeroso publico das nossas conferencias e a coadjuvação nunca regateiada da nossa elite intelectual e da nossa imprensa de maior circulação. Teriamos sobejos motivos para solenisar este aniversario com uma festa de intensa manifestação colectiva, mas a hora é tão dolorosa, pelas calamidades que torturam toda a Europa, que se nos confrangeu o coração ao lembrarmos-nos que emquanto mais ou menos ruidosamente nós festejavamos a nossa instituição, milhões de inocentes agonisavam, sofrendo ingloriamente as funestas consequências da ambição da besta humana.

Desejando o Conselho Administrativo que a todos os socios e amigos da Universidade Livre não passasse despercebido o seu quarto aniversario, foi resolvido fazer-se a publicação dum boletim extraordinario, onde se consagrassem todos aqueles que têm contribuido para a grandesa da Universidade Livre. Publicam-se os retratos dos professores Snrs. Alfredo Apell e Rodrigo de Castro, que desde o seu inicio têm sido os desvelados ami-

gos da nossa população escolar, e dos Srs. Agostinho Fortes, Dr. Almeida Lima e Dr. Carneiro de Moura, o primeiro o dedicado orientador filosofico da acção social da Universidade Livre e seu dedicado conferente, e os segundos os incançaveis conferentes e assíduos assistentes das nossas solenisações associativas a que nunca recusaram o alto relevo que lhes dá as suas presenças. Era, pois, nosso dever consagrar estes cinco nomes, como os dos maiores amigos da Universidade Livre.

Julgamos, pois, haver consubstanciado na publicação deste boletim a manifestação sincera dos nossos sentimentos de gratidão por todo o apoio e coadjuvação recebidos na realisação do lêma da Universidade Livre: «*Instruir é construir*».

Aos dedicados e ilustres professores :

Ex.^{mos} Srs.

Alfredo Apell
Agostinho d' Almeida de Paiva
Bernardo Vila Nova
Cosmelli Sant' Ana
Ernesto Maia
J. Siqueira Coutinho
José Soares d' Almeida
Luciano Ribeiro
Manoel J. da Costa
Oscar de Sousa
Rodrigo de Castro

o Conselho Administrativo apresenta o seu eterno reconhecimento pela valiosa coadjuvação que tão desinteressadamente lhe vem dispensando.

Recordando...

Os pessimistas, que são em regra maus, como disse Zola, agouravam pouca vida á instituição nascente, olhavam os iniciadores, como creaturas que desejassem crear uma aureola refulgente de notoriedade, que lhes servisse para fins inconfessaveis; julgavam-nos caracteres amoldaveis ao seu crasso indiferentismo, e por essas razões diziam, todos enfatuados, com frases empoladas de clarividentes irrefutaveis: «A obra é grande de mais para tais pigmeus! Em Portugal já varias tentativas se fizeram para a fundação de instituições desta natureza; foi no Porto em 1902 que Padua Correia, coadjuvado por varios elementos de valor, tentou obra parecida, não conseguindo triunfar; Tomaz Cabreira em Lisboa, em 1907/1908, nada conseguiu tambem; em Coimbra, apesar de todos os esforços de elementos intelectualmente superiores, e do apelo que o Dr. Sidonio Pais, fêz na Universidade, na sua oração de abertura do ano escolar de 1908, nada obtêve tambem; então agora estes *quidans* julgam possivel fazer reviver aquilo que aos outros não foi dado manter!?!...»

Eram estas, mais ou menos, as asserções que eu ouvi em 1912, depois da memoravel sessão inaugural da *Universidade Livre*. Felizmente não exerceram no espirito dos iniciadores qualquer influencia desanimadora, essas palavras pronunciadas pela *jeunesse dorée*, que se embrutece imbecilmente ás portas dos cafés. A avalanche dos scepticos era então enorme, e eu considerava mister, para contrabalançar esse espirito dissolvente de scepticismo, opôr-lhe uma barreira de optimismo capaz de nos permitir vencer. Havemos de triunfar, dizia eu aos meus nunca esquecidos colaboradores, a atmosfera agora é bem outra, as revoluções exerceram sempre uma grande função historico-social no destino dos povos, facilitando qualquer empreendimento util á colétividade. O povo parece acordar dessa atonia cruel que é a morte das nacionalidades, seguirá decerto os propagandistas da educação que tendo feito já muito entre nós, muito mais

terão ainda a fazer, lutando todavia contra a rotina inveterada pelo ensino e educação jesuitica que conseguiu, durante séculos, domar, torcer e subjugar a seu bel-prazer a mentalidade portugueza.

Deitêmos, pois, mãos á obra. E assim foi; já lá vão 4 anos e milhares de pessoas teem já recebido o grande beneficio espiritual espalhado pela Universidade Livre.

*

* *

O primeiro Conselho Administrativo eleito em 1911, cumpriu honestamente o seu dever; desdobrou-se, multiplicou-se, e, os individuos que o compunham e que tinham estado num posto difficil para defender a liberdade, lançaram-se devotadamente, com uma tenacidade digna de considerar, e sem mira alguma em interesses illegítimos, numa ativa propaganda, conduzida no sentido de que a nascente instituição promovesse tanto quanto fôsse possível, a educação moral e intellectual do povo. Consagraram uma grande parte dos seus trabalhos á Universidade, dedicaram-se alguns mesmo inteiramente a ela, para que os seres desprotegidos e que pertencem ás camadas consideradas erroneamente inferiores, podessem auferir alguma coisa de util para o seu cerebro e arranca-los desse antro de miseria intellectual e moral onde vivem, que os obseca, e receberem então aquilo que é necessario para criar um ideal colétivo — *A Instrução*.

*

* *

Desse Conselho fizeram parte varios amigos da instrução. Domingos Pires Barreira, amparou a Universidade nos seus primeiros passos. Pena foi que os seus afaseres particulares lhe não permitissem fazer, em prol da novel instituição, o que ele seria capaz.

Ventura Abrantes encontrou-se no mesmo caso.

Pedro dos Santos compenetrou-se admiravelmente da sua função dentro da Universidade. A sua intelligencia, a sua atividade, o seu saber, o seu conselho, sempre bem aceite, foram indubitavelmente fátors importantes para o enraizamento da instituição. De tudo se privou.

Os anos passaram, os colegas cançavam, e ele sempre firme no seu posto. E desta firmeza, que só têem os homens que

se compenetraram dum dever a cumprir, é que adveiu indubitavelmente a grande força, que ajudou a erguer o edificio.

Moraes Càbral era o tesoureiro; só quem o conhece intimamente e o tem acompanhado nas varias étapes da sua vida sempre em prol dos oprimidos, sempre disposto a pôr ao serviço das boas causas toda a sua atividade, toda a sua força de vontade, e toda a sua energia decisiva, o poderá avaliar.

Muito lhe deve esta instituição !... E aqueles que nela teem recebido algum alimento para o espirito, não o devem esquecer.

Desse primeiro grupo, Henrique Cordeiro, grande amigo da Instituição, foi-nos arrebatado pela doença grave que o conservou largos mezes no leito; Balduino Gameiro da Matta, João Baptista Alves Mendes e João Duarte da Fonseca Lobo, pouco fizeram; não porque não estivessem compenetrados da utilidade da instituição, mas as suas occupações officiais não lhes permitiam maior assiduidade no exercicio dos cargos para que tinham sido eleitos.

O mesmo motivo privou de exercer um altissimo papel dentro da Universidade, o João Gualberto do Nascimento Pires. Bela alma, inteligente, sempre disposto com o sacrificio pessoal a prestar a sua coadjuvação ás causas justas. Durante o tempo que ele poudo estar a nosso lado foi um esplendido organisador, um grande auxiliar.

E depois, em Leiria, prestou a esta colétividade relevantissimos serviços, organisando uma serie de conferencias que foram déveras notaveis. Alvaro Baltar, se é certo que não foi eleito para o Conselho, foi contudo um inteligente auxiliar na formação, pondo ao serviço da colectividade todo o seu espirito organisador.

Mais tarde o Conselho reconstituiu-se; eram precisas novas energias para continuar a obra, que já então desmentia claramente as afirmações dos *tais*, que nada fazendo, desvalorizam os que sinceramente alguma coisa pretendem fazer. Entraram então, Luiz Manoel de Sousa, o Joaquim M. Esteves, o Jordão Abel Rodrigues, o Joaquim Madeira Abrantes, o Antonio Maria Pires, o Leão de Sousa e o Manoel Joaquim dos Santos. Foi nova seiva que veio alimentar a arvore cada vez mais enraizada. Luiz Manoel de Sousa é um benemerito, que passa envolvido no anonimato, onde tantos e tantos sinceros amigos desta linda terra trabalham, sem outra recompensa que não seja o indiferentismo duns e as malquerenças doutros. Este Luiz Manuel é um dos magnificos elementos; ele era tudo e para tudo. E' um Bom. E' com saudade que eu rememoro a

sua camaradagem. As finanças estavam abaladas; as despesas eram muitas; ele lá estava com o seu fino tato administrativo para tudo resolver, e era aváro na guarda do cofre.

Joaquim Madeira Abrantes, lutador de todos os dias, ilustrado, talentoso, contribuiu enormemente para o bom funcionamento interno da secretária. Morreu. Todos nós, companheiros de trabalho, o chorámos sinceramente.

Jordão Abel Rodrigues teve de afastar-se, e foi pena; era um grande trabalhador. O Leão de Sousa, Manoel Joaquim e Joaquim M. Esteves sempre nos seus postos, dedicados, activos, muito fizeram em prol da instituição.

Antonio Maria Pires, foi um colaborador esplendido; reunia um conjunto de superiores qualidades que lhe davam um espirito de posse duma orientação moderna; ele foi uma das grandes alavancas que ajudaram a edificação da Universidade.

Cheio de talento, trabalhou com afinco e tenacidade na construção da obra, imprimindo em toda a organização as suas excépcionais qualidades de intelligencia, vencendo sempre todas as contrariedades, a despeito da sua delicada saude, e sempre envolto, obstinadamente, na modestia que mais fazia resaltar a do seu alto feitio moral.

*

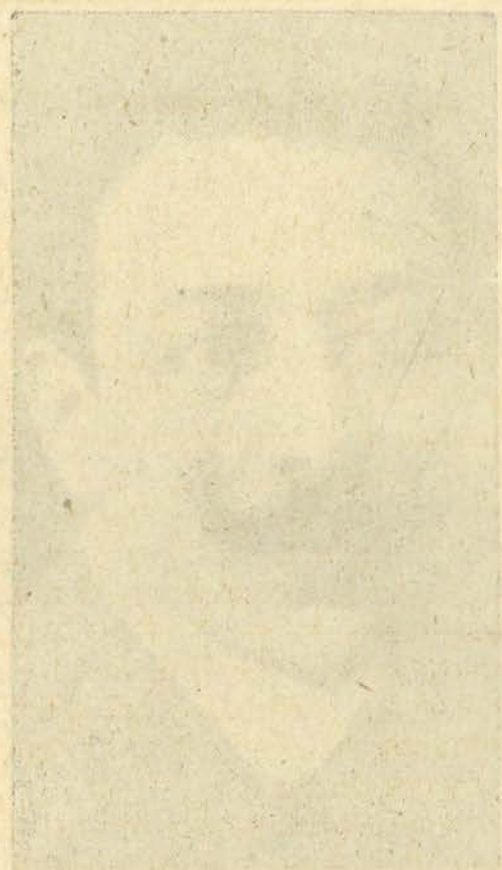
* *

Lutáram todos com tenacidade num meio que frequentes vezes nos era hostil; combateram inexoravelmente contra o comodismo e contra a rotina; sacrificáram-se, e um numero bem reduzido chegou ao fim da estrada longa e cheia de abrólhos. Oh! mas depois lançaram a vista para o caminho percorrido; lembraram-se com saudades dos dias amargos que por amor doutros passaram. A fé e o entusiasmo com que combateram todas as contrariedades em prol duma causa santa para vencer, e a consciencia do dever cumprido, foram a sufficiente compensação para os sinceros amigos desta boa terra de Portugal, que desinteressadamente e com sacrificio da sua propria vida, concorreram, ainda que com uma parcela minima, para o levantamento do nivel moral e intelectual do Povo. Esse grande e luminoso espirito que se chamou, Victor Hugo, escreveu um dia: *O' povo, tendes uma lepra, a ignorancia, tendes uma peste, o fanatismo*. Pois bem: concorra cada um de nós com a sua quota parte de sacrificio para que instituições deste genero se multipliquem, e o povo portuguez limpar-se-ha da *lepra* da ignorancia e será forte sem a *peste* do fanatismo.

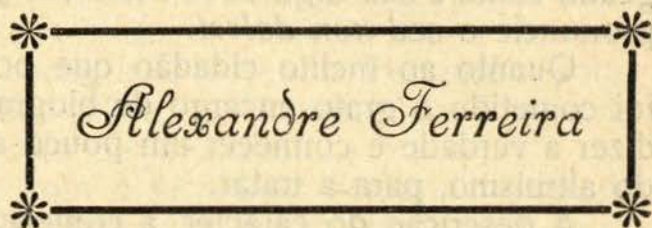
ALEXANDRE FERREIRA.



Alexandre Ferreira



ALBANY, N. Y.



A proposito do 4.º anniversario da Universidade Livre de Lisboa

Resolveu por unanimidade o Conselho Administrativo da Universidade Livre de Lisboa que o seu boletim de Janeiro corrente, fosse destinado a uma modesta comemoração do quarto anniversario desta Instituição, e mais deliberou, que em editorial fossem dadas á publicidade algumas notas biograficas de Alexandre Ferreira, o iniciador e apresentante duma proposta que trouxe á vida a nossa colectividade.

Modestas são estas homenagens, pouco ruidosas as manifestações de regosijo, mas aos espiritos lucidos não será difficil encontrar a explicação de tão comedidas demonstrações de alegria; paira a nuvem negra do mais pavoroso morticínio na Europa, e a Universidade Livre de Lisboa sendo um lábaro miserimo da intellectualisação europeia, contudo não pode assistir indifferente ao portentoso cataclismo politico que ameaça subverter o velho mundo da civilisação.

Guarda com o mais sacro-santo recato as suas expansões sinceramente sentimentais para melhor oportunidade e prouvéra, que passando hoje o 4.º anniversario, para o novo ano, passados mais uns angustiosos meses que o mais requintado optimismo não deixa de vaticinar, passado esse tragico periodo, permita que a paz estenda sobre a civilisação o seu alvo manto, que o vento da insania ha muito sinistramente desfraldou.

Conta a Instituição não por dedução filosofica mas intuição sentimental que o seu quinto anniversario se passará em melhores dias, que permitam comemorar mais solenemente o acto e melhor honrar o fundador e cooperadores desta novel associacão.

Duas palavras preambulares bastam para explicar o facto de se dizerem poucas frases a proposito de Alexandre Ferreira:

trata-se felizmente dum vivo, e o biografo infelizmente não se chama Plutarco, presando tanto a sua amizade pelo homenageado como a sua dignidade e não desejando que a voz do povo, pronuncie o seu *non dolcet*.

Quanto ao ínclito cidadão que por honrosa deferencia lhe foi cometido o grato encargo de biografar em estilo tenue, basta dizer a verdade e conhecer um pouco a vida destes aventureiros do altruismo, para a tratar.

A descrição do character, a confecção do retrato, os elementos para o panegerista são sempre typicos, unicos, e inconfundiveis para o historiador futuro.

Vejam a vida de Jorge Deherme, Arnold Toynbee, e o illuminado fundador da Universidade Livre de Bruxelas, Teodoro Verhaegen; como as suas vidas são *grosso modo* as mesmas!

Alexandre Ferreira, foi um humilde caixeiro do norte do pais que deixou amizades cultivadas duma maneira sui generis nas cidades de Braga e do Porto.

Foi um hoemio impenitente, com acentuadas manifestações de grande espirito que lhe valeram, no genero bons ditos, uma merecida reputação; os seus galanteios crearam-lhe na cidade invicta uma atmosfera de benevola critica a que nunca se poudé associar complacentemente, em referencias retrospectivas, a sua boa esposa; mas por toda a parte deixou Alexandre Ferreira o mesmo traço, o mais caracteristico da sua personalidade:

A sua bondade, o seu profundo pesar pela dor alheia, a sua enorme tristeza perante o perpassar das multidões ignaras ou crueis que se degladiam ferosmente sem as qualidades morais que deviam ser o apanagio da especie.

«O homem lobo do homem» é a frase kantista que mais o aterra, e ele quer fugir á logica de ferro do filosofo prussiano, e sabe que um só fanal pode iluminar as densas trevas em que a vaidade e ambição humanas fazem representação perante o teatro da historia, das suas mais abjectas comedias e das suas mais sangrentas tragedias.

E' a educação! E' o seu meio, em que ele medita constantemente!

E succede com Alexandre Ferreira o que tem acontecido com tantos outros, verbi-gratia Toynbee, já citado; ele não é um espirito requintadamente illustrado, mas a sua vontade tem qualquer cousa de esoterico e assim vae indomita, integerrima passar cérce das maiores dificuldades, dos maiores perigos com uma serenidade épica que pode merecer á verrina das nossas éras

quaisquer considerações malevolas, mas que nunca passará anónima.

Em 9 de Dezembro de 1911, um esforçado grupo de obreiros, apresenta uma das suas ideias, a fundação duma Universidade Popular, qualquer cousa que fosse em Portugal a continuação da Cooperation des Idées, na França e das University Settlements na Inglaterra que ele já conhecia.

No mesmo instante com a facilidade peregrina dum deducionista de genio, ele compreendeu toda a importancia da extensão universitaria e envolve-se numa portentosa empresa com uma audacia invulgar no nosso mesquinho meio social; as suas potentes faculdades volitivas applica-as inteiras ao problema e a 28 de Janeiro de 1912 efectiva a sua iniciativa!

Como Palissy ou Benvenuto Cellini ele queimará todo o seu mobiliario ou derreterá todo o seu patrimonio para fundir a sua obra; e como tal fosse quasi inteiramente preciso, isso quasi completamente se consumou, tendo sido necessario que alguem despertasse em Alexandre Ferreira o homem de coração diamantino, para que ele em sombrios dias olhasse para a sua querida familia e logo a seguir lhe estendesse apressuradamente a protecção da sua robusta intelligencia, visto que perigosas soluções de contimidade lhe advinham da sua intensa vida associativa.

Volvamos a notas menos sentidas da vida do grande amigo do povo:

Alexandre Ferreira tem tido uma actividade onimoda e onde se tem apresentado nunca deixou de ser discutido; como rapaz foi tudo, ciclista, actor etc etc; como trabalhador, do modesto caixeiro, passou ao habil artista de todos os ramos da fotografia que Lisboa conheceu, até chegar ao funcionario superior que tem de desenrolar uma extraordinaria iniciativa em que, permita sempre, o arcaboço esteja á altura do seu indefesso esforço intellectual.

Na vida associativa tem Alexandre Ferreira occupado outros logares da mesma responsabilidade que o de presidente da Universidade Livre e em todos tem mantido a honrosa intransigencia do roble que temerariamente encara a tempestade; foi nestas situações que se lhe conheceu mais uma das suas prodigiosas aptidões, que nos animos ponderados pouco colhendo, no entretanto chocam extremamente em Alexandre Ferreira: — a sua eloquencia.

Pode ele encontrar-se em face dum problema complicado, cujo fundo não lhe é inteiramente conhecido, mas se ele observa que a multidão divaga e nada de utilitario terá o seu esforço,

então no final, numa síntese formidável e com a intuição que sempre lhe foi conhecida, consegue sugerir uma solução e impõe-a com uma persuasão inexplicável.

Por ultimo ainda, o mais interessante dos seus aspectos: observar Alexandre Ferreira agredido, desdobrando-se em duas atitudes inteiramente distintas, que bem atestam a probidade do seu character.

Achando ele que se encontra em presença dum erro seu, correctamente constatado, ou que lhe patenteiam ainda que vigorosamente um dos seus grandes defeitos — que os tem — ele atencioso, ouve as considerações feitas e, não sendo duma cobarde tibiesca na defeza, até é capaz de completar a critica e declarar que invidará os seus melhores esforços na correcção da deficiencia de educação apresentada.

Porem o caso mais extraordinario do seu poder de orador, é Alexandre Ferreira ver os seus ideais acossados de perto pela intriga ou pela inveja; então a sua imponencia esmaga, a frase facil, expontanea, acode-lhe aos labios e, num estilo elevado, grandiloquo, o caixeiro de ontem, o pensador de sempre, esmagará os seus adversarios com a compleição titanica do filosofo que procura, não um homem para bater, mas uma fêra para desalojar do redil.

Sobre o aspecto mais intimo de Alexandre Ferreira nada será dito; os seus amigos que se reportem aos seus doutos conselhos, ás suas sentidas palavras de bom irmão.

Mais encomiasticas podiam ser as referencias feitas, mas tres condições de curtesa nisso influiram: o espaço, o tempo e a intelligencia do biografo, que aliás se arrimou ás maximas de Confucio sobre este motivo, que certamente muito mal assimiladas foram.

A iniciativa de Alexandre Ferreira, noutro paiz, devia-se considerar mal desenvolvida e muito incompleta porque não chegou ainda á pulverisação dos conhecimentos, numa obra que vai ao seio das oficinas educar operarios, nem subiu ás culminancias das sete faculdades que ha pouco eram conhecidas na Universidade Livre de Bruxelas.

As rasões porque não chegámos já, nem á atomisação do ensino — a mais proficua no nosso paiz — nem ao ápice dos trabalhos de investigação da «Universitas» que faz sciencia, encontram-se numa analyse social que agora não ha ocasião de tratar.

Registe-se no entanto com praser que Alexandre Ferreira nunca se encontrou isolado na sua obra, e têm cooperado com

ele desde modestos operarios até funcionarios superiores ; desde modestos estudantes até catedraticos e reitores das Universidades.

*
* *

Como nota final, muito grata, julga-se poder trazer a publico que Alexandre Ferreira está proximo a cooperar de novo na Universidade Livre, tendo-se podido apreciar mais uma vez o que já é notorio na historia: *a grandesa dum homem só se póde apreciar bem na sua ausencia.*

Que todos os bons cidadãos colaborem nesta grande obra, que deve fazer parte dos desiderata nacionais.

Que todos os portuguezes possam dizer como Horacio e Alexandre Ferreira:

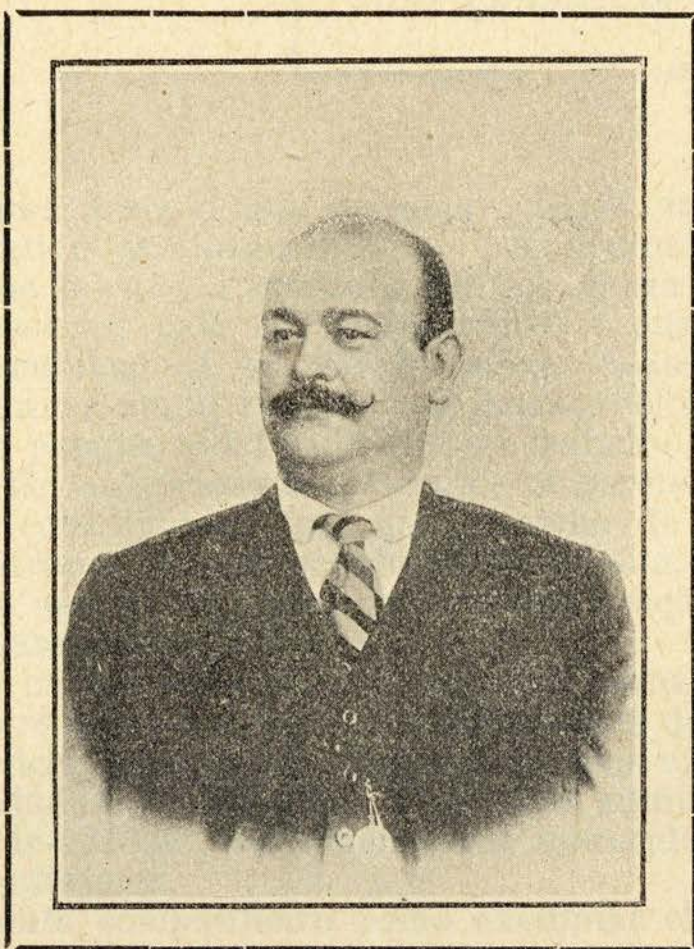
Exigi monumentum aere perennius.

28 de Janeiro de 1916.

ANTONIO MARIA PIRES.

A todos os conferentes e amigos da Universidade Livre, prestamos o preito da nossa homenagem e endereçamos os nossos vivos agradecimentos, pelo apoio intellectual e material que tem dispensado á nossa obra de Extensão Universitaria.





Luiz Manoel da Souza

Luiz Manuel de Sousa

Foi uma traição que os seus colegas do Conselho Administrativo ardilosamente lhe prepararam, mas que lhes perdôe porque a intenção foi boa. Seria ridículo se nos deixássemos cair no elogio mutuo e encomendado, mas se publicamos o retrato deste dedicado apostolo da Universidade Livre e seu incançavel e zeloso tesoureiro, é porque tais faculdades de trabalho tem desenvolvido e tão auspiciosa tem sido a sua gerencia dos fundos desta colectividade que num assomo de admiração ousámos afrontar a sua reconhecida modestia, promovendo-lhe esta merecida homenagem, na solenisação do nosso 4.º aniversario.

Todos os que têm privado com ele, tanto na Universidade Livre como em outras colectividades de instrução e beneficencia, onde nunca regateia as suas extraordinarias faculdades de trabalho e aptidões administrativas, acompanhar-nos-hão, certamente, na merecida distinção que lhe conferimos.

Excelente companheiro como exemplar chefe de familia, apesar de tanta energia dispendida, ainda lhe sobra para nos animar e dar-nos com o seu exemplo novos alentos para arcarmos com as pesadas responsabilidades que a Universidade Livre, como instituição de largo alcance social, vai dia a dia adquirindo.

Com a numerosa população associativa que possuímos, só a ele se deve a esplendida regularidade em que giram todos os serviços administrativos, sem que haja uma reclamação ou um sintoma de negligencia em que são tão ferteis as colectividades incipientes e que não raro as victimam.

Modesto trabalhador, cujos feitos não têm a consa-

gra-los os esplendores dum exhibicionismo doentio, com a maior justiça poderá reclamar para si uma grande parcela dos magnificos exitos colhidos pela Universidade Livre na sua aureolada cruzada de quatro anos de actividade constante.

Os seus colegas, irmãos dum mesmo ideal, aqui lhe deixam consignado o preito da sua sincera homenagem.

Aos patrioticos e benemeritos diarios de
Lisboa:

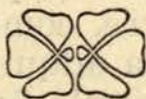
O Diario de Noticias

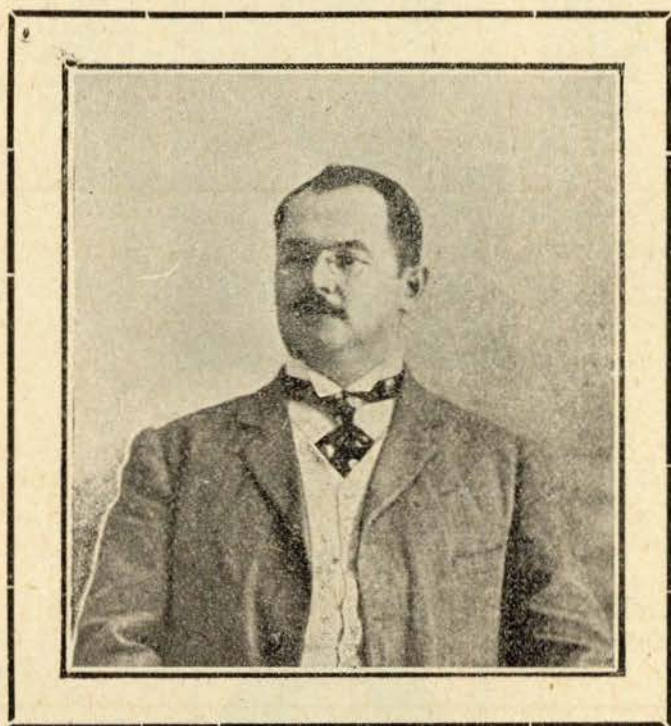
A Lucta

O Mundo

O Seculo

aqui deixamos consignada a nossa gratidão pela benevolencia com que acolhem as nossas solicitações e pelos serviços de propaganda com que auxiliam e tornam mais proficua a obra da Universidade Livre.





Alfredo Apell



Agostinho Fortes



Rodrigo de Castro



ROBERTO DE OLIVEIRA



ROBERTO DE OLIVEIRA

Uma obra patriótica

Quatro anos ha já que, neste nosso meio, tão pouco favoravel ás iniciativas generosas e grandes, veio afirmando vitalidade benefica uma instituição, devida exclusivamente á boa vontade dum punhado modesto e quasi ignorado de amigos da mesma. Assisti ao desabrochar dessa rasgada iniciativa ; tanto quanto em minhas forças cabia, dei-lhe o apoio que podia dar e, ainda hoje, é com enternecido carinho que a contemplo e admiro todo o trabalho util que tem produzido e continuará a produzir na sãmente patriótica tarefa que se impôs de divulgar as conquistas do espirito humano nos variados e complexos ramos do saber.

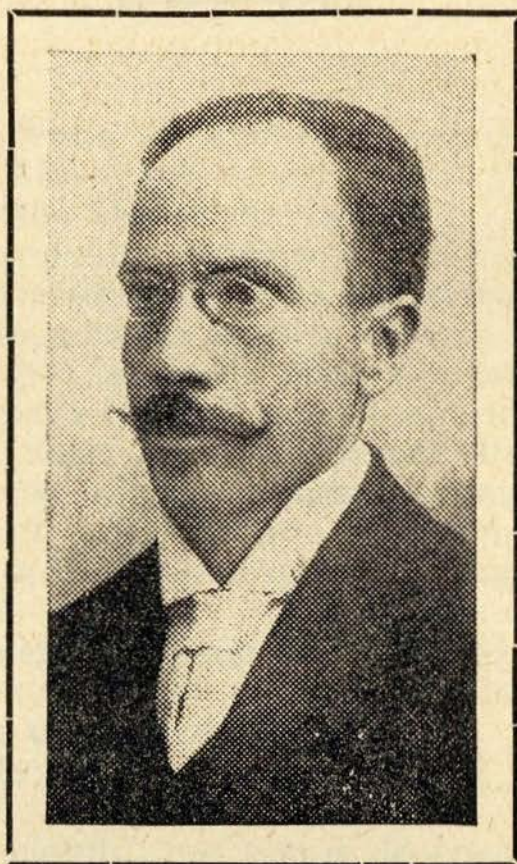
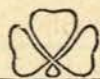
Numa terra, como a nossa, em que os assuntos scientificos mais interessantes são tidos á conta de coisas mesquinhas e inoportunas, quando não impertinentes, a *Universidade Livre* representa qualquer coisa extraordinaria e grande, cujo significado, porventura, só será devidamente apreciado pelas gerações vindouras. Quiséra eu aqui dar a conhecer ao publico quanto esforço, quanto trabalho altruista, generoso e levantado, contêm na sua vida, tão curta, de quatro anos a *Universidade Livre*; quiséra eu lembrar todos os que, sem esperanças em recompensas, a não ser a da satisfação da propria consciencia, teem sacrificado á benemerita e patriótica instituição o melhor das suas actividades, o mais puro e sacrosanto dos seus ideais remodeladores orientados pela crença de que, pela instrução, melhores dias hão-de vir para esta terra portuguesa, que é de nós todos e que de nós tambem devia ser amada, servida e honrada. Mas para quê ? Para que ir arrancar ás suas honradas modestias, exemplos vivos do maior civismo, os nomes de todos esses indefessos trabalhadores que, diga-se para vergonha dos que, uns tanto se faziam rogar, outros se recusavam tenazmente a coo-

perar, chegavam a mendigar que os homens competentes fossem ilustrar com os seus conhecimentos a massa enorme dos seus concidadãos ávidos de saber? Basta que diga que todos eles eram e são filhos do povo, homens de trabalho e de coração, que ao repouso proprio e aos assuntos mais urgentes da sua vida pessoal arrancaram não poucas horas em prol da instrução popular.

Bem dita é a sua obra e bem ditos serão os resultados que dela se hão-de colher. Para a melhoria da nacionalidade, para a integração desta no progresso, bastante ha-de contribuir a *Universidade Livre*.

Eis porque a considera obra sãmente patriótica aquele que, tendo ajudado a criá-la, é e será o mais modesto mas não o menos entusiastico dos seus admiradores.

AGOSTINHO FORTES.



Dr. Almeida Lima



Como eu entendo — A — Extensão Universitária

Correspondendo ao apelo da benemerita Direção da Universidade Livre vou dizer aqui o que penso a respeito da Extensão Universitária.

Não me proponho, porque para isso me não chega o tempo, tão absorvido por muita ocupação e preocupação, a fazer uma dissertação erudita sobre o assunto, citando o que se tem dito, escrito e feito, por todos esses paizes que tomaram para base da sua prosperidade a educação e a instrução. Seria isso sem duvida util porque as minhas afirmativas seriam melhor documentadas, mas o meu pensamento sugestionado pelo pensamento alheio, não teria esse grão de liberdade que convem de vez em quando dar-lhe.

E' de primeira intuição que *Extensão Universitária* quer dizer uma expansão da ação da Universidade para *extra-muros* de um ambito privativo.

Como pode fazer-se essa expansão, essa Maior Universidade?

Ora, é evidente, que temos de encarar a resolução deste momentoso problema, segundo o pendor nacional, e n'esse ponto, como em todos os semelhantes, é que devemos propor-nos a encontrar soluções *originais*; porque é um erro frequentes vezes praticado entre nós, aplicar ao nosso *meio* o que tem dado bons resultados em outros paizes.

Por isso eu tenho dito muitas vezes, que o que é excelente para a Alemanha, por exemplo, é pessimo para nós, e tenho sempre regeitado esse argumento de *Autoridade*, que tal medida tem sido considerada excelente na Alemanha ou na America, e portanto deve ser adotada entre nós.

Vejamos como, dadas as circunstancias em que nos encontramos e o meio em que vivemos, pode ser feita a Extensão Universitaria.

Em primeiro lugar, temos a considerar a Expansão Universitaria automatica ou expontanea, que é aquella que maiores responsabilidades impõe á Universidade e que constituem a sua essencial obrigação, como órgão do Estado.

Essa Extensão Universitaria fez-se por meio *dos filhos* da Universidade, ou dos pensadores ou profissionais por ela instruidos e educados.

E' por um escol de competencias criadas na Universidade que ela dilata a sua ação em todos os órgãos do estado onde se tornam necessarias competencias superiores, quer no campo de sciencia pura, onde as nações ganham os seus fóros de *nacionalidades superiores*, quer no campo economico, onde se robustecem para crearem os recursos necessarios á sua vigorosa evolução.

O sabio, o engenheiro, o clinico, o casuista, o grande administrador, o homem d'Estado, formaram-se na Universidade, que é deste modo o órgão gerador duma elite de competencias que devem ser chamadas a orientar superiormente a actividade nacional.

Portanto pode dizer-se que o valor das Universidades, marca, define, caracteriza a actividade superior do pais a que pertencem; taes foram essas Universidades taes serão esses paizes.

Para vereficar experimentalmente a regra que acaba de formular-se, comparem a organização das diversas Universidades do mundo culto, e concluirão que o valor relativo das diversas nacionalidades se poderá deduzir do valor relativo das suas instituições Universitarias.

Um corolario a deduzir daquela regra, seria que o nosso *Ensino Superior* não tem correspondido á sua elevada missão, porque seria querer-nos iludir a nós proprios, o admitirmos que a nossa administração superior tem sido excelente; e quem procura iludir-se sobre os erros cometidos certamente nunca encontrará os meios de os remediar.

Não pretendo analisar aqui quaes os defeitos do Ensino Superior, porque seria desviar-me demasiadamente do assunto que me proponho a tratar neste momento; limitar-me-hei a dizer a tal respeito que as deficiencias do

Ensino Superior derivam em parte da indiferença a que o tem votado a opinião publica, indiferença que por vezes se tem transformado em hostilidade, pela convicção, de resto justificada, que o nosso Ensino Superior, é um dos principaes responsaveis da nossa má administração, e até do atrazo em que se encontra a nossa Instrução e a nossa Educação.

Mas é claro que não é essa indiferença ou essa hostilidade que ha de provocar a elevação do nosso Ensino Superior, e portanto a elevação da Nacionalidade; da estima e da simpatia do publico pelo seu Ensino Superior, e pelos seus homens superiores é que resultará o levantamento geral da nossa nacionalidade.

Que fique certo o operario, que não terá senão a ganhar em ter um homem verdadeiramente superior, á testa da empresa onde trabalha.

Esta idéa que não sei com que intuitos alguns tem posto em voga, que as democracias não podem tolerar superioridades, é um erro fatal; o objectivo duma democracia progressiva, não é demolir o que está em cima, mas levantar o que se encontra em baixo.

Fazer subir o povo, e erguer ás supremas situações as competencias que ele, tão frequentemente, gera, é a grande idea nova da democracia.

O talento, a competencia, são frutos raros e valiosos, que só podem obter-se com a frequencia necessaria, quando se colham por toda a parte; é, portanto, necessario para manter as competencias indispensaveis á superior administração do Estado, ir procurá-las nas grandes massas populares, porque é nas grandes massas que é possivel que elas se encontrem, e as competencias de ordem mental não são privilegio, de classes ou castas, que de resto, não se encontram no nosso meio social.

Ame e considere o paiz o seu Ensino Superior, e verá como rapidamente se colocará á altura da sua redentora missão.

Mas a extensão universitaria expontanea a que me tenho até aqui referido, não é sufficiente, não só para o normal funcionamento da Universidade, como para a sua acção sobre o meio.

De facto, o exercicio eficaz da actividade Universitaria, exige que os seus alunos tragam do Ensino Secundario uma preparação sufficiente; com alunos ignorantes e

mentalmente deformados, não é possível fazer homens de valor real, mas apenas illusorias apparencias, duma illustração superior.

E', pois necessario, que a Universidade dilate a sua acção pelo ensino secundario.

Por outro lado é claro que o ensino secundario não será proficuo, se os seus alunos se apresentarem atrofiados ao terminarem o seu Ensino Primario.

E é exactamente no ensino primario, que mais intensa, pre severante e cuidadosa, deve ser a acção das universidades, porque não ha ensino de mais fundamental e transcendente importancia, e mais cheio de difficuldades do que o ensino primario.

E' efectivamente nessa educação inicial que a creança, extremamente plastica, adquirirá os vincos indeleveis de que dependerá toda a sua actividade futura.

E, na verdade, o professor primario, por maior que seja a sua dedicacção, por mais aguda que seja a sua intuição de pedagogo, não pode dispor dos conhecimentos necessarios para bem desempenhar-se da sua delicada tarefa, quando não seja auxiliado por competencias superiores.

E' no ensino primario que a Pedagogia racional e experimental tem a sua mais eficaz applicação; mas a boa organização de doutrina pedagogica requer profundos conhecimentos de psicologia e de fisiologia, que só podem possuir homens de profundos conhecimentos nesses ramos tão transcendentos do saber humano.

E', pois, sem duvida, no ensino primario que as Universidades tem um amplo campo á sua Extensão, e onde podem prestar relevantes serviços para o aperfeiçoamento da educação e da instrução nacionais.

Quero, pois, dizer, em resumo, que as Universidades devem, mais que não seja por interesse proprio, ter a *alta direcção* de todo o ensino, que apenas pode efectivar-se quando o Estado tenha a comprehensão exacta do que pode e deve exigir das Universidades.

Mas, não é apenas á sua acção sobre o ensino primario e secundario geral, que se deve limitar a Extensão Universitaria.

E' uma verdade quasi evidente *á priori* que o *saber* ou a *sciencia* é o factor economico de mais elevada importancia no desenvolvimento da riqueza das nações; e

digo que é evidente, por isso que a ação dominante do homem sobre a terra resulta da sua superior mentalidade, e por tanto que do desenvolvimento desta resulta um aumento de poder do homem sobre o meio que o envolve, d'onde pode extrahir todos os *valores*, seja qual for o conceito que a respeito deles possa formar-se, quer sobre um ponto de vista estreitamente material e digamos *utilitarista*, quer sobre o aspecto mais transcendente sob o qual o queiram encarar as mentalidades superiores.

Educar é, pois, crear *riqueza*, dando a esta palavra o seu mais amplo significado.

Para um paiz como o nosso, pobre pela ignorancia, porque quer na metropole quer nos seus vastos dominios coloniais, a riqueza apenas espera pelas mãos que saibam colhe-la, a instrução e educação das classes que constituem as forças economicas do paiz, podem e serão nisso tenho fé, verdadeiramente redentoras.

Ilustrem-se, eduquem-se as classes productoras de riqueza, e Portugal voltará á sua antiga prosperidade dominante, mas assente em bases incomparavelmente mais solidas do que as que outr'ora fizeram deste pequeno paiz a maior nação do mundo!

Leiam-se os relatorios de consules enviados á Sociedade de Geografia, e publicados por esta prestigiosa corporação e todos se convencerão comigo que á raça portugueza só falta quem saiba ilustrá-la. Por toda a parte o portuguez é querido, mercê das suas excellentes qualidades morais e intellectuais; o unico defeito que se lhe nota é... a ignorancia.

E' indispensavel educar a industria, o commercio e a agricultura; urge educar e ilustrar os nossos colonos, por forma a aumentar a sua capacidade productiva; é indispensavel ilustrar e sobretudo educar o nosso proletariado.

Portugal ha de ser grande, porque em toda a parte do mundo o portuguez se mostra excelente; eduquemo-lo, e ele voltará a conquistar o respeito e até a admiração dos outros paizes.

Para que a Universidade possa exercer a sua ação que se me afigura verdadeiramente redentora, é necessario que estreite as suas relações com o Commercio, a Industria, a Agricultura e com todos os centros de educação populares que, com um instincto admiravel da verdade

das coisas, com tanto entusiasmo se estão formando entre nós.

Quem, como eu, tenha entrado em contacto com as já chamadas *Forças Vivas da Nação*, quem como eu tenha convivido com as agremiações que se destinam a propagar a educação e a ilustração pelas camadas populares, quem como eu tenha sentido que todas elas olham, como para uma lisongeira esperança, para as Universidades, radicará em si, como a mim me sucedeu, a convicção que só depende das Universidades o tornar uma realidade pratica a Extensão Universitaria, no seu mais amplo significado, como órgão do desenvolvimento do saber, sobre todos os seus aspectos, economicos ou transcendentales.

Convem, porem, não perder de vista que, para a ação das Universidades se poder tornar eficaz, é necessario robustece-las, organisa-las, apetrecha-las com todos os meios e recursos que possam dar-lhe o prestigio que resulte da efficacia da sua acção.

As Universidades portuguezas não tem ainda a estrutura de que necessitam para formarem propriamente um *organismo*, especialmente montado, para desempenharem a função que lhe é propria no mecanismo social de que são parte integrante.

As Universidades foram construidas um pouco ao acaso e sem o conhecimento exato da sua função.

O publico, já as caraterisou como maquinas para fabricar doutores.

E' necessario, é vital, que as nossas Universidades revistam o tipo moderno, que lhes permite exercer a sua função diretora na instrução e na educação, não considerada sob o seu aspecto arcaico, mas sob o seu aspecto moderno, que, se não põe de parte a educação do homem *mental*, não esquece o homem como principal fâtor economico.

Longe de mim a idea de considerar que a educação do homem tem por unico fim a creação de riquezas, porque acima de todas as riquezas está a mentalidade e a moralidade humana. Não só de pão vive o homem, mas, entre nós, como por toda a parte, ha homens que nem pão tem para viver.

E' certo que além das suas necessidades puramente animais, o homem tem exigencias como ser transcendente; mas é tambem evidente que se o ser animal não tem uma

existencia normal, o ser mental não pode também suprir ás suas exigencias.

Mal avisado andaria o chefe de familia, que educasse os seus filhos para a satisfação das suas necessidades moraes, e se esquecesse de assegurar-lhe o pão de cada dia.

Portanto, se preconiso nesta oportunidade, como objectivo essencial das Universidades, o desenvolvimento das forças economicas do paiz, e se encaro a Sciencia como facto principalmente economico, como o fez a Alemanha e como tentam faze-lo os outros grandes paizes da Europa e da America, é exactamente porque desejo que da prosperidade economica do paiz, resulte o seu desenvolvimento mental, e que da sua superabundancia de riquezas, lhe sóbre o necessario para activar a cultura mental do nosso povo, proporcionando-lhe os meios de contribuir para o desenvolvimento da *Sciencia Pura*, que é, foi e será o grande e glorioso objectivo do homem.

A meu vêr o objecto do homem na natureza, é a Sciencia, o que, de resto, é até afirmação biblica, e é o facto que resalta da historia da humanidade, encarando-lhe os seus largos traços.

Mas o homem, não caminha *rétlinicamente* para o seu objectivo; tem desvios que parece afastarem-no dele mas que são as consequencias necessarias do que talvez possamos chamar relevos historicos; é o que succede ao rio cujas aguas tendem para o mar, mas que por vezes parece quererem afastar-se dele porque a isso o obrigam os *relevos geograficos*.

Neste momento da sua evolução, o homem pensa em adquirir riquezas, para por meio delas subjugar a vontade dos homens; dominar os seus semelhantes é o fim principal de todo o homem como de todo o povo que se julga com forças suficientes de poder impor, se necessario for pela força, a sua vontade.

Não estamos num seculo de especulações filosoficas, como as que ilustraram a primitiva Grecia e irradiaram atravez de seculos, imprimindo o seu genio ás gerações vindouras.

A humanidade apressa-se para a luta, já no campo economico, já no campo de batalha; aspira-se a ser grande e forte, com um objectivo de dominio ou de absorção dos mais fracos; é o sentimento da necessidade da luta pela vida, que, se não tem a intensidade feroz que se

observa nas especies inferiores, quando de individuo para individuo, é cada vez mais violenta quando se trate de nacionalidades, onde o direito é considerado letra morta.

E' necessario, pois, que os paizes fracos aproveitem com ardor o momento de tranquillidade que possam deixar-lhe os seus inimigos naturaes, para preparar a sua defesa até ao momento em que lhe peçam a bolsa ou a vida.

E' por isso que eu, naturalmente predisposto para especulações de ordem mental e sentimental, dedicado, durante muitos anos ao culto da sciencia pura e desinteressada, incomparavelmente mais admirador da velha civilização grega do que da moderna *Kultura* Alemã, aconselho ao meu paiz, e farei o que em mim couber para o orientar neste sentido, que cultive principalmente a Sciencia como um factor Economico.

E' por isso que aspiro para as Universidades uma feição *politecnica*, tal como já no meado do seculo passado o aconselhava Augusto Conte.

Quando se trata duma questão de vida ou de morte, não podemos fazer uma escolha em harmonia com as nossas tendencias naturaes, mas adquada á força das circunstancias, e hoje uma nação não pode viver pobre, porque a pobreza é fraqueza e falta de resistencia aos ataques do implacavel e sempre vigilante inimigo externo.

Por isso creio que o Governo que integrar nas Universidades todo o ensino superior technico, terá prestado um relevante serviço ao paiz.

E não se julgue que o culto interessado, utilitarista da Sciencia prejudica os seus mais elevados objectivos.

Se a Industria tem beneficiado dos progressos da Sciencia, sem que disso tenha uma exacta comprehensão, não ha duvida que os grandes progressos da Sciencia, especialmente sob o seu aspecto experimental, são em grande parte devidos aos progressos industriaes.

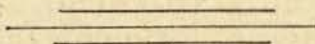
Dada a precepitação com que foi elaborado este artigo, falta-lhe uma coordenação systematica que melhor traduziria as afirmações que julguei dever fazer, e melhor provocaria a convicção de que elas correspondem a verdades merecedoras de consideração.

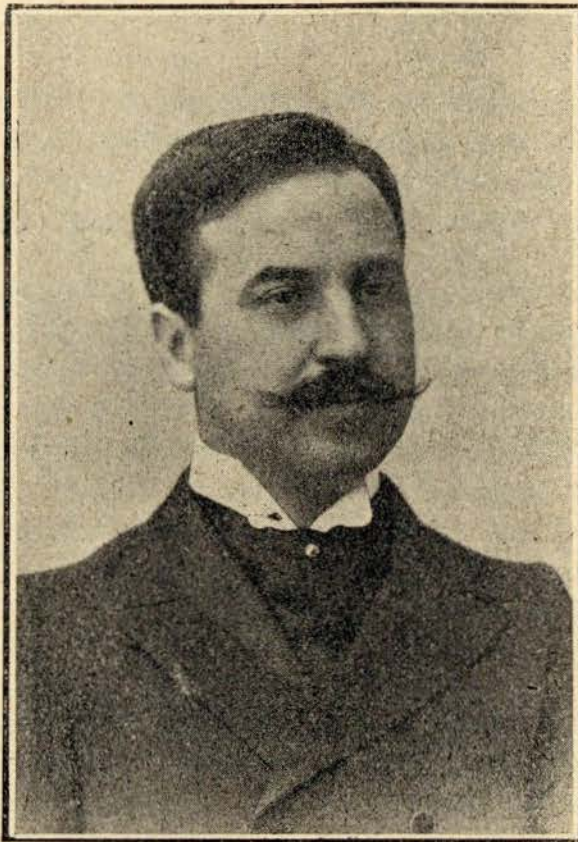
Mas basta que fique bem e insistentemente affirmado que a ação das universidades deve infiltrar-se onde existe

uma ação eficaz que mereça ser orientada; e que se o paiz e as Universidades comprehenderem e sentirem bem clara e inteiramente a importancia do seu inteiro e afetuoso entendimento, bem irá para uns e outras; de contrario não sei que solução possa ter um descalabro, derivado duma pessima educação cujos efeitos nocivos se tem exercido durante seculos de imprevidencia e... de estupidez.

A estupidez nunca salvou ninguem.

ALMEIDA LIMA.





Dr. Carneiro de Moura



O Trabalho — E O — Capital

Foi a descoberta da America, o conhecimento do novo caminho para a India e a exploração do continente negro que nos seculos XVI e XVII aceleraram a organização capitalista que no seculo XIX tomou um extraordinario incremento.

Até ao seculo XV só o capital de usura e de comercio tornou notavel a exploração capitalista. Na idade media foram os judeus os exploradores da usura, porque, opondo-se o cristianismo á usura, ficou o campo livre aos judeus, pois a religião de Moysés não a proíbe. Esta circunstancia tornou odiosos os judeus, mas os doutores da Sorbona foram preparando a teoria economica da legitimidade da usura que afinal foi aceite pelas igrejas cristãs.

E' que ao tempo irrompia a vida intensa da colonisação, e o mundo capitalista ia tomar conta dos destinos dos povos.

No regimen da escravatura antiga, ás vezes chegavam os senhores de escravos a trabalhar para os sustentar. Depois, no regimen da servidão, os servos, emphyteutas, que trabalhavam as terras dos senhores para poderem pagar o fôro, trabalhavam para eles e para os seus senhores. Veio finalmente o regimen do salariado, e os trabalhadores salarizados passaram a trabalhar somente para os seus senhores, os quais não só não tem que cuidar da alimentação dos trabalhadores mas ainda estão certos de possuirem o exercito de trabalhadores de reserva, com os quais nada dispendem, — massa de famintos, á espera da sua vez para receberem um salario igual ao minimo das subsistencias.

Os antigos senhores de escravos tinham que os sustentar e os escravos pouco ou nada produziam. Reconheceram os antigos senhores de escravos que careciam, para

seu interesse, de mudar de regimen para instigar os escravos a trabalhar. Interessaram-nos na cultura da terra: deram-lhes glebas de aforamento; descobriram as vantagens da emphiteuse. Os antigos escravos, assim transformados em servos, passaram a carecer de trabalhar para se sustentarem a si e aos seus senhores, os senhorios directos da terra, os nobres que tinham expulso ou expropriado os patricios romanos, no lance militar da invasão dos barbaros.

Mais tarde haviam de chegar os burgueses, que, com a Revolução francêsa, expropriados os nobres e o clero, se apossaram dos meios de produção. Chegará a vez, depois dos tremendos conflitos actuais, de os salarizados fazerem aos productores capitalistas o que estes fizeram aos nobres e aos padres. Os salarizados expropriarão os produtores capitalistas como estes expropriaram os nobres e o clero, mas com uma diferença: é que desta vez a expropriação será feita não em proveito duma casta ou duma classe mas em beneficio de todos, porque se trata de entregar os meios de produção aos produtores.

O periodo das descobertas maritimas trouxe á economia social uma nova fase. Ainda, pelo regimen do *pacto colonial*, sobreviveu a fase da economia nacional, mas já com caracter internacional, preparando a revolução economica que a concentração industrial da nossa epoca vai realisando.

A descoberta de novos caminhos mercantis e de novos mundos alargou o processo economico. Com o aparecimento de novos mercados, com o estabelecimento de novos centros de produção, com a fixação de novas correntes e de novos caminhos mercantis, o capitalismo tomou incrementos novos.

Até ao seculo XVI o capitalismo confinava-se nas aventuras da usura e do comercio nacional. Depois o capitalismo encontra novos processos de exploração. A grande industria, a grande aventura individualista, toma um raro incremento. Os novos mercados, pelo processo da colonisação moderna, preparam a grande industria, em que se acentua o labor das grandes maiorias de salarizados ao serviço da pequena minoria dos patrões capitalistas. E' certo que os emigrados das velhas metropoles, fugidos da patria, acossados pela fome, ou enlevados

na crença de grandes lucros, se estabeleceram nos novos países descobertos.

Ali puderam ser senhores da terra; ali puderam eles próprios ser patrões. Mas quem lhes havia de trabalhar a terra? A lei da oferta e da procura que os economistas classicos tanto tinham enaltecido, essa lei que lhes parecia excelente na velha Europa por que lhes justificava o regimen da escravatura salariada, não lhes pareceu de legitima applicação nas colonias, porque nestas todos podiam ser patrões, senhores da terra, e ninguem por isso queria trabalhar pelo salario. Forçoso foi aos economistas classicos mudar de rumo: revogaram a sua tão preconisada lei da oferta e da procura, e voltaram-se para outro *dogma* economico — a obrigação de trabalhar, para concluir pela necessidade de o Estado obrigar os *indigenas* a dar sufficiente mão d'obra aos novos patrões da terra *conquistada*.

De resto as grandes fortunas apareceram com tais movimentos. Não foi só na velha Europa que os latifundios dos patricios romanos foram *ocupados* ou *conquistados* pelos barbaros, que os mandaram trabalhar pelos seus servos da gleba. A America, certas zonas da Asia, a Africa e a Oceania foram prêsas da emigração europeia e, como a mão d'obra faltava, aparece de novo a escravatura, desta vez mais intensa e mercante, á procura dos trabalhadores de côr.

A ganancia individual foi tomando proporções nunca vistas. As revoluções politicas auxiliaram esta capitalisação de alta ganancia. Os revolucionarios vencedores, por ocasião da grande revolução francêsa, tomaram posse dos bens da nobresa e do clero, e nisto procederam como antes e depois deles fizeram os que se locupletaram com os monopolios, dados pelo Estado, representado pelos triumphadores, quer esses monopolios visassem a terra, quer representassem o exclusivo de certo commercio ou de certa industria. Tal a origem das grandes fortunas particulares a que deu causa a aventura maritima e a aventura politica. As grandes fortunas só puderam construir-se, graças á intervenção e ao favor do Estado, que em vez de se utilizar da sua acção para o enriquecimento do proprio Estado, ou da colétividade, deu aos particulares os meios e os bens dum facil enriquecimento.

Os negreiros dos seculos XVII e XVIII, como os co-

merciantes de Lisboa e de Sevilha, nos séculos XVI e XVII, como os concessionarios de grandes tratos territoriais nas colonias, aproveitaram-se da omnipotencia do Estado dadivoso que lhes garantiu uma industria imoral ou um monopolio anti-social, em beneficio de suas fortunas particulares. D'ahi a nova escravidão que ora é representada pela escravatura dos homens de cõr ora pela dos salarizados brancos.

Uma vez criadas assim as grandes capitalisações, graças á intervenção do Estado em favor de certos privilegiados, facil foi a capitalisação do moderno industrialismo. A sciencia poz ao serviço dos capitalistas industriais maiores meios de produção. A viação acelerada tornou possivel, pela rapidez da circulação dos productos, a conquista do mundo como mercado; a industria bancaria mais facilita pelo credito o incremento extraordinario do patronato industrial; a produção capitalista engrandeceu-se pela descoberta de novas maquinas. E os Estados continuaram a promover o engrandecimento dos grandes industriais, que assim se foram enriquecendo, ao passo que os Estados e os salarizados iam empobrecendo, o que se prova pela multidão dos sem — trabalho e pelo aumento exagerado da divida publica, ao lado do aumento exagerado dos grandes patronatos.

Chegou-se assim á grande concentração industrial, não em mão dos Estados ou dos municipios, mas em mão dos particulares. E essa grande concentração tomou hoje aspectos dignos de observação.

Os proprios patrões, os grandes indutriais, já estão em crise, não tanto pela opposição dos salarizados, como pela propria luta entre eles. Cada um deles quere vender os seus productos, abaixa os preços o mais que pode, graças á enorme miseria dos salarizados. E, quando os industriais verificam que já não podem ganhar, e ganhar é condição essencial no regimen da produção capitalista, os grandes produtores associam-se em *trusts* para não se prejudicarem mutuamente.

Os consumidores é que ficam prejudicados com tal sistema de defeza capitalista.

E como na actual fase de produção capitalista, só a grande industria maquinofactora é possivel, porque a pequena industria não pode concorrer com as grandes

industrialisações maquino-factoras, dahi provem a concentração industrial e economica da nossa epoca.

A concentração industrial ou se dá em mão e beneficio dum patrão, ou industrial singular, ou em beneficio do patrão colectivo. As despesas da grande industria e tambem as suas difficuldades tecnicas, obrigam os patrões individuais a procurar meios capitalistas nas sociedades anonimas. E nas sociedades anonimas, embora os operarios ou melhor — o trabalho, não deixem de estar sob a lei de bronze do salariato, os patrões são os acionistas, e quem melhores proveitos auferem do patronato anonimo são os corpos gerentes e os altos directores tecnicos que são salariados de excepção.

Sendo a concentração industrial uma necessidade da actual organização capitalista e sendo os Estados modernos os dadores dos grandes favores industriais, em favor da produção capitalista, os grandes industriais tudo pedem ao Estado, e o Estado tudo lhes dá, porque os politicos tem sumo interesse em entenderem-se bem com os homens de dinheiro, os agentes da produção capitalista. E' por isto que os Estados empobrecem e os operarios vegetam miseravelmente debaixo da lei de bronze do salariato, ao passo que os produtores capitalistas enriquecem assombrosamente.

Difficil é ser rico porque ser riquissimo é muito facil. Dinheiro chama dinheiro, e capital e terra só o tem os politicos privilegiados, graças aos favores do Estado que está organizado para favorecer os produtores capitalistas, em desproveito dos produtores salariados, aos quais não se paga o valor produzido individualmente, e muito menos o valor colectivo da produção do trabalho salariado.

E assim se vê este espectaculo: os operarios definham como definham os pequenos proprietarios do solo e as pequenas industrias. A grande industria a todos atropela, e ao passo que a grande industria se concentra, nota-se que não são os Estados, que afinal somos nós todos, quem explora e lucra com essas grandes industrias, como seria natural. São os particulares, os patrões que estão de posse dos extraordinarios meios sociais da produção, porque o Estado (nós todos) lh'os entregamos de mão beijada.

E os Estados, que seriam ricos, se explorassem por

conta propria todas as grandes industrias que assim entregaram aos capitalistas, as quais deviam com a superintendencia do Estado ser entregues colectivamente aos trabalhadores, estão pobres, e veem-se obrigados, para viverem, a lançar mão da forte imposição de tributos.

Mas os tributos, de que o Estado quasi exclusivamente vive, incidem principalmente sobre os salarizados ou os menos ricos.

E' certo que entre nós se tem applicado o regimen do imposto progressivo, mas este só o é até ao maximo de 5.000\$00 escudos de rendimento anual, e as grandes fortunas dos productores capitalistas são muito superiores áquele maximo. O imposto progressivo, por isso mesmo que tem que ser limitado, não atinge os grandes capitalistas, os felizes detentores individuais do patrimonio comum.

O Estado lá vai vivendo do imposto, explorado pelos capitalistas que tudo quanto são, ao Estado o devem, e por sua vez o Estado vê-se obrigado a explorar os pobres, para poder manter o regimen dos capitalistas.

A necessidade dos emprestimos surge deste regimen capitalista, e se os emprestimos são internos é ainda por eles que o Estado de algum modo socialisa a riqueza.

Mas este sistema não pode manter-se porque a sua iniquidade está demasiado verificada. O Estado não pode continuar a ser uma instituição juridica de character metafisico, para beneficio de poucos com sacrificio da colectividade. As classes trabalhadoras, depois de devidamente instruidas, educadas e organisadas, tem de realizar o que fez a burguesia á nobreza, e ao clero quando se organizou e educou; tem de tomar conta dos bens de mão morta, que hoje são os que estão em poder da burguesia, como representante do regimen da produção capitalista. Mas desta vez o quarto Estado entrará na acção dos seus direitos pela municipalisação ou pela organização cooperativista. Serão os municipios ou as cooperativas que hão-de explorar as industrias, pela acção colectiva dos trabalhadores. E quando os municipios duma determinada nacionalidade já hajam realisado a colectivação da riqueza pela federação deles, far-se-á o Estado social perfeito, de que surgirá uma melhor fase da humanidade em luta.

CARNEIRO DE MOURA.

Congratulações

Vai a Universidade Livre celebrar o 4.^o aniversario da sua fundação. Quem conhecer, em toda a extensão, a especie de sacrificios e de devoção civica que tal obra consubstancia, avaliará, exactamente, o jubilo que ilumina o espirito dos seus organisadores ao verem atingido esse curto, mas já brilhante periodo. Com efeito, numa terra, onde as características morais são o egoismo e a inveja, onde o Talento e o Trabalho não surgem como Sol bemfazejo e como necessario cimento da obra social, porque se acolhem com desconfiança e odio, é preciso vencer muitas resistencias, e ser totalmente indifferente ás iras dos insignificantes para se triunfar.

E, na realidade, a Universidade Livre triunfou, desde que dobrou com Fé e Perseverança, o Cabo das Tormentas do 4.^o ano da sua existencia! Triunfou, derramando, a flux, a semente das ideas redentoras e dos sentimentos nacionais, pela palavra erudita e patriota dos seus conferentes! Triunfou, dando um singular exemplo de isenção e de altruismo, nesta maré baixa do character portuguez, ante o coaxar dos maldizentes, por tára insanavel, ou por desforço da sua impotencia mental!

Eu tambem sou um batalhador, ha já quasi trinta anos; tambem fundei instituições em cujo pedestal se desfez a onda procelosa da torpeza, pela razão simples de essas instituições vi-rem trazer mais um fecundo beneficio para esta boa Patria que adoramos.

Eu tambem tive a suprema consolação de ver tantos esforços honéstos coroados pelo mais glorioso exito, expresso em diversas modalidades, qual delas a mais eloquente, e de que, afinal, não carecia, pois, na propria consciencia, encontrei sempre a recompensa de todos os sacrificios e o estimulo para novos empreendimentos. Pertenço, por isso, ao numero dos que avaliam, com justeza, a alegria intima, profunda, e tão legitima, dos benemeritos que fundaram e teem mantido, heroicamente, a Universidade Livre. E avaliando essa alegria, associo-me a ela, porque a compartilho, porque reverbera, com fulgida intensidade, no meu coração de soldado da mesma Causa, de apostolo da mesma Fé!

ANTONIO CABREIRA

Balancête do mês de Janeiro de 1916

DEVE (Receita)

Saldo do mês de Dezembro		173\$21
Subscritores:		
Cobrança deste mês	280\$59	
Efectivos:		
Idem.....	11\$20	
Donativos:		
De H. A. Cordeiro.....	2\$40	
Subsidios:		
Da Assistencia	15\$00	
Do Ministerio da Instrução	16\$66	31\$66
Cartões de identidade:		
Vendidos	2\$50	
Matriculas:		
Neste mês	5\$20	
Publicações:		
Vendidas.....	6\$63	
Gastos gerais:		
Recebido de José Fernandes	1\$50	341\$68
		<u>514\$ 9</u>

HAYER (Despeza)

Rendas adiantadas:		
Mês de Fevereiro.....	35\$00	
Donativos:		
A favôr dos orfãos da guerra.....	5\$00	
Montepio Commercial e Industrial:		
Depositos deste mês	200\$00	
Moveis e utensilios:		
Clichês e varios objectos	12\$96	
Percentagens:		
a José da Silva	14\$56	
a Evaristo Antunes	14\$82	29\$38
Propaganda:		
Conta da Ilustradora (gravuras). ..	3\$59	
» » Eduardo Rosa.....	42\$00	45\$59
Biblioteca		
Custo duma carta geografica	\$50	
Gastos gerais:		
Deste mês.....	65\$83,5	394\$26,5
Saldo para Fevereiro.....		<u>120\$62,5</u>
		<u>514\$89</u>